

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**SHIRLEINE DOS SANTOS PEREIRA**

**POR TRÁS DE UM BOM DESENVOLVIMENTO DO SER COGNOSCENTE, EXISTE  
UM ADULTO CONSCIENTE: A Psicanálise e sua contribuição na formação do  
professor de Educação Infantil.**

Rio de Janeiro

2010

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

SHIRLEINE DOS SANTOS PEREIRA

**POR TRÁS DE UM BOM DESENVOLVIMENTO DO SER COGNOSCENTE, EXISTE  
UM ADULTO CONSCIENTE: A Psicanálise e sua contribuição na formação do  
professor de Educação Infantil.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto Superior de  
Educação Pró-Saber como requisito  
parcial para a obtenção do grau de  
licenciado em Normal Superior, com  
habilitação em magistério da Educação  
Infantil.

**Orientador:** Profa. Esp. Elaine dos  
Santos Caetano

Rio de Janeiro  
2010

P4141p

Pereira, Shirleine dos Santos

Por trás de um bom desenvolvimento do ser cognoscente, existe um adulto consciente: a psicanálise... / Shirleine dos Santos Pereira. — Rio de Janeiro: ISEPS, 2010.

f: il.

Orientador: Profa. Elaine dos Santos Caetano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2010.

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil. 4. Formação de professores. I. Título. II. Orientador. III. ISEPS

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

**SHIRLEINE DOS SANTOS PEREIRA**

POR TRÁS DE UM BOM DESENVOLVIMENTO DO SER COGNOSCENTE, EXISTE  
UM ADULTO CONSCIENTE: A Psicanálise e sua contribuição na formação do  
professor de Educação infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Normal Superior, com habilitação em magistério da Educação Infantil.

Defendido em \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2010

Resultado \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Esp. Elaine dos Santos Caetano (Orientadora)

---

Titulação, Examinador (Entidade)

Autorizo a publicação deste trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa, sendo vedado qualquer tipo de utilização comercial sem a prévia autorização do autor.

Rio de Janeiro, 23 de junho de 2010

---

Shirleine dos Santos Pereira

Pró-Saber

*Dedico essa monografia à minha mãe, que é uma guerreira e que com muita luta criou sozinha eu e meus irmãos e fez de tudo para que eu sempre tivesse acesso aos estudos.*

Pró-Saber

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado minha vida, à minha mãe pelo seu amor, por sua ajuda e apoio, ao meu amado filho Michel por seu carinho e paciência, a toda a minha família e aos professores do Pró-Saber pelos seus ensinamentos.

Pró-Saber

## RESUMO

Defende a importância do professor de Educação Infantil ser capacitado para lidar de forma adequada e profissional diante das fases do desenvolvimento pela qual a criança passa no decorrer da infância e como a psicanálise pode fundamentar e colaborar na formação do Educador, trazendo um novo olhar que influencia de maneira positiva a relação que estabelece com o seu aluno.

**Palavras-Chave:** Educação. Educação infantil. Desenvolvimento da criança. Formação do professor de Educação Infantil. Psicanálise.

Pró-Saber



“Freud chocava a humanidade no início do século XX com suas descobertas a respeito do desenvolvimento da personalidade da criança e com a constatação de que certos acontecimentos vivenciados na infância eram os determinantes principais de distúrbios de personalidade na idade adulta.”

Fiori

Pró-Saber

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2. O CAMINHO PERCORRIDO – AUTO BIOGRAFIA</b>	<b>10</b>
2.1 Filosofia do Pró-Saber	13
<b>3. PANORAMA DOS ESTUDOS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO</b>	<b>14</b>
3.1 Conceitos da teoria Piagetiana (resumo)	15
3.2 Freud e sua teoria psicanalítica (resumo)	16
3.3 Estudos de Freud Modelo Topológico	17
3.4 Modelo topográfico do psiquismo	19
3.5 Organização estrutural do psiquismo	21
3.6 JUSTIFICATIVA	24
<b>4 FASES DO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL</b>	<b>25</b>
4.1 A Psicanálise em Parceria com e Educação	28
4.2 Experiências da Prática	29
4.2.1 Primeiro Caso	29
4.2.2 Segundo Caso	32
4.2.3 Terceiro Caso	35
4.2.4 Quarto Caso	36
4.3 Análise do questionário	39
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O intuito desse trabalho é o de reunir conteúdos e teóricos com o foco no desenvolvimento e comportamento humano, sobre a ótica da Psicanálise e expondo como esse estudo enriqueceu a minha aprendizagem e, conseqüentemente, refletiu de forma positiva na minha prática em sala de aula.

Para ser mais específica, ocorreram mudanças significativas na minha relação com os alunos, depois que passei a entender determinados comportamentos da criança, antes vistos por mim com preocupação e até com certa ansiedade em querer modificá-los. Hoje eu reconheço como parte das características das fases pelas quais a criança passa no desenvolvimento de seu psiquismo e, sendo assim, modifiquei meu olhar para como cada uma se apresenta, ou seja, dou um foco maior para a singularidade na constituição de cada sujeito.

O desejo em me aprofundar nesse assunto surgiu em mim desde o início do curso, com as primeiras aulas da professora Maria Cecília Almeida e Silva, onde em uma de suas explicações ela descreve o princípio da Psicopedagogia, que é fundada na psicanálise e na teoria de Piaget; que tem como foco o ser cognoscente e suas três dimensões: racional, emocional e relacional.

As disciplinas de Conceitos Básicos de Psicanálise e Desenvolvimento Social cognitivo e afetivo da criança aguçaram ainda mais meu interesse sobre esse tema, influenciando totalmente em minha escolha.

Seria muito complexo e ousado da minha parte elaborar um trabalho de conclusão de curso que englobasse todas as disciplinas que tive a felicidade de ter acesso, mesmo que, na maioria das vezes, uma esteja interligada à outra, sabendo que todas, sem exceção, contribuíram e muito para o meu crescimento profissional e minha formação acadêmica.

Apresentarei adiante da melhor maneira possível o tema escolhido e estudado com muita dedicação.

## 2 O CAMINHO PERCORRIDO – AUTO BIOGRAFIA

No ano de 2004, uma amiga estava em busca de um novo emprego e levando seu currículo também pediu o meu para deixar em uma creche da comunidade em Copacabana, próximo ao local onde eu morava. Eu disse que sim, pois estava sem trabalhar aguardando retornar para um emprego de vendedora de bijuterias, por que a dona da loja em que eu trabalhava precisou fechar o estabelecimento temporariamente por motivos pessoais.

Um dia recebi um telefonema pedindo para eu comparecer à creche Espaço da Alegria (nome fictício) e mesmo sem ter nenhuma experiência em creche me enchi de coragem e fui.

Ao chegar, fui recebida educadamente pela diretora, que me mostrou cada espaço da creche e assim que eu entrei me encantei com o ambiente, eu nunca tinha olhado com muita atenção para as creches por que, não sentia segurança em matricular meu filho nelas, por causa da má fama que algumas pessoas põem, talvez por serem desinformadas. Mesmo ele já tendo um ano, ficava com a minha sogra para eu trabalhar e só no primeiro contato com essa creche minha visão mudou radicalmente o que me fez até procurar uma creche para meu filho.

Comecei a fazer um estágio nessa creche e dois dias após eu já ter iniciado esse estágio, a dona da loja de bijuterias ligou para a minha casa me chamando para voltar, pois teria conseguido resolver seu problema e ela já poderia reabrir para o funcionamento normal da loja. Eu sem saber se iria ou não ser contratada para trabalhar na creche, pois ainda estava sendo avaliada, corajosamente respondi para a dona da loja que não queria mais voltar para lá, por que eu havia conseguido um estágio em uma creche e, se tudo desse certo, eu começaria a trabalhar com as crianças. Ela lamentou muito, dizendo que gostava de mim e do meu jeito desembaraçado e educado de lidar com os clientes e pediu para que eu indicasse alguém que tivesse um perfil parecido com o meu. Indiquei-lhe uma conhecida. Agradei, me despedi e desliguei.

E foi assim que eu engajei e descobri a minha vocação, graças a essa oportunidade que tive me encontrei e vi que eu tinha o dom para isso. E, a partir desse dia, desejei com todas as minhas forças: Eu quero ser professora!

Quando a creche me contratou comecei a trabalhar como auxiliar de turma com crianças na faixa etária de dois anos. Então eu observava as ações das colegas de trabalho para saber o que eu tinha que fazer, já que aquilo tudo era novidade para mim.

A primeira professora com quem eu trabalhei em sala foi Lucélia. Vou chamá-la assim para preservar sua identidade e todos os nomes citados nos relatos das situações reais que vivi ou presenciei serão fictícios tendo essa mesma finalidade.

Lucélia era muito agitada, às vezes gritava com as crianças. Tudo o que ela fazia era sempre com muita pressa e as crianças que não acompanhavam seu ritmo, sempre deixavam suas tarefas pela metade. Quando desenhavam mal, Lucélia já anunciava: “Acabou o tempo, agora vamos lá fora para o pátio”.

A ida ao banheiro era aquela confusão. Lucélia, com sua pressa, retirava a roupa das crianças e as colocava sentadas no vaso sanitário e algumas que queriam retirar suas próprias roupas sozinhas não podiam, pois ela dizia que iriam demorar muito. Lembrando que as crianças dessa turma tinham de dois a dois anos e onze meses. Na hora da sopa aquele que não conseguisse tomá-la “na velocidade da luz”, ou seja, no tempo corrido de Lucélia, tinha seu prato arrancado das mãos e o restante de sua sopa era jogado no lixo, mas isso era feito escondido das cozinheiras da creche, porque se elas vissem esse desperdício, reclamavam e isso acabava em sérias discussões.

Ao lado da minha sala havia outra turma com crianças na faixa etária de três anos, mas eu observava que mesmo com a pouca diferença de idade entre essa turma e a que eu trabalhava, esses alunos da sala ao lado realizavam a maioria das tarefas sozinhos como ir ao banheiro com total independência, levar recados de sua sala para outras, ajudavam a distribuir os biscoitos do lanche e o material das atividades.

Quando eu falava disso com Lucélia, ela me respondia que cada turma tinha seu próprio jeito, atribuindo uma culpa às crianças por não saberem. Algo me dizia que a forma de trabalhar de Lucélia tinha coisas erradas, mas não sabia argumentar o quê. E lembrava-me da professora da sala ao lado. Será que sua forma de trabalhar era certa

ou errada? Por que ela deixava as crianças fazerem determinadas coisas sozinhas? Será que ela inventou um novo jeito de facilitar seu trabalho?

Minhas dúvidas eram muitas, mas no ano seguinte eu acompanhei minha turma e fui trabalhar com eles na classe de três anos com essa professora que enchia minha cabeça de dúvidas em relação à sua forma de trabalhar.

Jaqueline, como eu irei chamá-la, aos poucos e sem saber, foi me fazendo entender que ela tinha uma proposta para a turma que incluía inúmeros objetivos, a conquista da autonomia e uma organização da rotina diária na creche. Seu trabalho era baseado em um plano anual de projetos e partindo desse plano ela elaborava seu planejamento diário e ainda registrava os acontecimentos do dia na parte de traz de cada planejamento. Com Jaqueline e com as Jornadas Pedagógicas, que eram realizadas no Pró Saber com a supervisão de Jayna Cosmos, eu fui começando a entender aquele conjunto de ações importantes no trabalho com as crianças. Mas os fundamentos e bases teóricas que explicavam e estudavam essas ações dos Educadores e o universo infantil eu vim ter acesso no ano de 2007 depois de ter passado no vestibular e, com muito orgulho, em primeiro lugar. A minha vontade de estudar e ter uma formação era imensa e a colocação só foi um mero detalhe.

E nessa formação fiz a ponte entre a teoria e a prática entendendo que existem fundamentos para explicar as formas que as crianças se apropriam do mundo e como essas teorias são essenciais para ampliar as concepções do educador.

E sendo assim, no decorrer dessa formação fui acabando com todas aquelas dúvidas que provavelmente sejam comuns em todos os educadores que infelizmente não tenham acesso a uma formação adequada.

## 2.1 Filosofia do Pró-Saber

A formação do Pró-Saber nos remete a um olhar mais humano para o outro, trazendo a idéia de que se partimos do positivo, podemos olhar além das aparências, das dificuldades e fugir de uma avaliação que parte do famoso rótulo. Mas tudo isso é um processo que se inicia com uma modificação do nosso olhar que evita que fiquemos presos aos obstáculos dos “Pré-conceitos” e “Pré-julgamentos”. E pegando um gancho na teoria de Piaget que diz que “a inteligência se constrói”, também se constrói no decorrer desse processo de formação, um novo olhar do educador a partir do momento em que somos chamados a olhar para dentro de nós, para o nosso próprio eu. É preciso encontrar a verdade na gente para encontrar a verdade do outro, ou seja, assumir-se diante dos outros, identificar nossas emoções e expor a nossa bagagem de vida para deixar as novas concepções entrarem em nós.

Algumas aulas trouxeram mensagens sábias que provavelmente quem as ouviu e as registrou levará para toda vida como essa que citarei:

“Não existe um aprendizado apenas teórico da Psicopedagogia, se você não experimenta as dimensões, não percebe a Psicopedagogia, não entenderá se não vivenciar. Experimentar ou vivenciar a Psicopedagogia começa pela escuta de si, com visitas aos espaços internos, para além de uma dimensão puramente prática e objetiva.” (SILVA, 2007, nota de aula)

### 3 PANORAMA DOS ESTUDOS DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Os Gregos foram os que começaram os estudos sobre o comportamento humano. Mas a psicologia surgiu no meado do século XIX, na Alemanha como uma ciência que analisava quais os fatores que estavam ligados a estrutura da consciência.

Freud foi um dos estudiosos mais importantes de sua época e suas ideias são seguidas até o momento atual, ele revolucionou a visão sobre o comportamento humano e não é por coincidência que recebeu a perífrase de pai da psicanálise.

Já os estudos ligados diretamente à criança demoraram mais tempo para acontecerem, pois antes não havia uma atenção maior para as crianças nem sequer uma diferenciação entre elas e os adultos, isso quer dizer em todos os sentidos, ou seja, os adultos não poupavam as crianças, agiam sem a menor preocupação com o que era adequado ou não. As crianças participavam de execuções em público, orgias e eram tratadas como pequenos adultos e foi a igreja que deu um primeiro e grande passo importante ao vetar a participação das crianças em qualquer prática ligada a sexualidade.

Rousseau um Filósofo iluminista, foi um dos pioneiros que direcionou seus estudos e atenção para o tratamento inadequado dado a criança e defendendo assim a idéia de que as crianças precisavam ter acesso ao estudo formal. Mas isso não as livrou de maus tratos, a herança da cadeira dos burros entre outros castigos e humilhações vem dessa época. Hoje os métodos utilizados para castigar estão ocultados atrás de ações como, por exemplo, colocar a criança para pensar, parabenizar os mais inteligentes e excluir os que apresentem dificuldades, entre milhares de outras formas que os adultos utilizam para castigar comportamentos que julgam estarem errados.

Quando Freud trouxe para a humanidade uma das informações mais importantes, onde ele aponta que a estrutura psíquica do indivíduo depende totalmente das experiências vividas na infância, direcionando assim as atenções para as etapas do desenvolvimento e abrindo caminhos para teóricos que dedicaram seu estudo para a primeira infância.



Piaget também nos contemplou com sua teoria que transforma toda uma concepção social e pedagógica, ao explicar a forma com que a criança aprende sobre as coisas que estão a sua volta e essa aprendizagem está diretamente ligada à relação afetiva com o meio em que essa criança vive, ou seja, para Piaget os esquemas cognitivos são os recursos usados pela criança para compreender a realidade e essa construção é potencializada e depende das relações afetivas estabelecidas com os adultos próximos a ela como pai, mãe, professores entre outros. Sendo assim, existe um conjunto de fatores que contribuem para a construção da inteligência e o adulto tem um papel essencial nesse processo.

### **3.1 Conceitos da teoria Piagetiana (resumo)**

Os estudos sobre a teoria de Piaget, sem dúvidas, trazem uma importante base para o trabalho do professor de Educação Infantil, pois ao trabalharmos e elaborarmos o planejamento diário das aulas para as crianças entendendo como essa criança se relaciona com o mundo e a partir dessa interação ela, passo a passo, vai desenvolvendo sua aprendizagem, ou seja, ao relacionar esses conceitos com a sua didática pedagógica, o professor tem a possibilidade de preparar atividades que estejam de acordo com a faixa etária de seus alunos.

Por exemplo, quando o professor está lançando uma atividade para a sua turma, onde seus objetivos é o de que os alunos percebam e façam relação entre os conceitos matemáticos, se esse professor não se baseia nos princípios de Piaget, provavelmente terá dificuldade de lidar com os alunos que não alcançarem esses objetivos, pois o acesso à teoria possibilita criar estratégias pedagógicas, onde o professor entende que pode trabalhar com os alunos de inúmeras maneiras e também para que esse aluno tenha sempre a oportunidade de experimentar e vivenciar os conteúdos das aulas, já que cada criança tem seu próprio tempo para assimilar as informações. Sendo assim, podemos entender que a inteligência vai se constituindo gradativamente, desde o nascimento, seguindo uma seqüência que, segundo Piaget, se inicia no estágio **Sensório Motor (de zero a dois anos)** que é representado quando criança percebe o

mundo através de esquemas perceptivos e quando ainda é um bebê seu corpo reage ao externo, suas ações não têm intenções, depois começa a perceber o próprio corpo e ainda não tem representação mental.

Depois passa pelo estágio **Pré Operatório (de dois aos sete anos) e seus subestágios que são: simbólico, intuitivo global, intuitivo articulado** nos quais as características dessa etapa é o jogo simbólico e a criança imita o mundo a sua volta em suas brincadeiras, oscilando entre a realidade e a fantasia.

Já no estágio **Operatório Concreto (de sete aos doze anos)** a criança já tem organização e reversibilidade de pensamento e consegue representar as imagens da realidade através dos desenhos.

E no estágio **Operatório Formal (dos doze anos em diante)** as opiniões e pensamentos críticos e dedutivos em relação à realidade já estão formados.

Falar de desenvolvimento sem falar de Piaget é impossível, seus estudos nos trazem colaborações indiscutíveis, pois apresentam características de cada fase da criança e serve como um poderoso instrumento para o educador que tem o desejo de ampliar seus conhecimentos. Também julgo ser uma das principais ideias desse conteúdo o fato da aprendizagem estar ligada ao emocional, pois é um foco significativo que deveria ser levado em conta pelo professor de Educação Infantil.

### **3.1.1 Freud e sua teoria psicanalítica (resumo)**

Os estudiosos seguidores de Freud apontam a afirmação da existência do inconsciente como um marco na história da ciência psicológica ampliando os estudos voltados para a personalidade humana.

No ano de 1856 na cidade de Frei Berg, na Moravia, nasceu Sigmund Freud, em uma família judaica, sua mãe se chamava Amália e seu pai Jacob, um modesto comerciante.

Com uma inteligência que foi notada desde quando ele era pequeno por sua mãe entrou bem jovem para a faculdade de Medicina em Viena no ano de 1873 aos 17 anos de idade.

Freud casou-se com Martha Bernays e com ela teve seis filhos e uma entre esses filhos, Ana Freud, se tornou psicanalista seguindo os passos do pai.

### **3.2 Estudos de Freud Modelo Topológico**

Freud iniciou seu trabalho com a psicanálise a partir do seu interesse pela histeria, no livro Os três ensaios sobre a sexualidade, Freud atribui os sintomas das doenças apresentadas pelos seus pacientes às situações que lhe causaram algum tipo de sofrimento ou angústia.

Esses pacientes que apresentavam sintomas de histeria recebiam tratamento hipnótico, um trabalho realizado pelo médico vienense Breuer

Foi através de Breuer que Freud conheceu o método Catártico, onde a cura era buscada pelos relatos falados. Catarse é uma descarga emocional. Um exemplo de catarse é quando um fanático por futebol está ansioso para seu time fazer um gol e ganhar o campeonato e quando sai o gol esse torcedor grita, chora, ri, faz tudo ao mesmo tempo exageradamente. Isso também acontece em enterros onde, diante da morte de um ente querido, a pessoa chora desesperadamente, com gritos intensos.

O método catártico ajudou Freud a dar origem a outro método que se chama Associação livre, que é usado até hoje pelos psicanalistas. No método de associação livre o paciente tem total liberdade de falar tudo o que lhe der vontade sem restrições ou limites, a idéia é a de trazer o maior número de informações possíveis para que com esses relatos ele possa fazer associações com o sintoma apresentado. Um exemplo que pode descrevê-lo é quando acontecem situações onde estamos conversando com amigos e falamos horas sem parar e no início da conversa estávamos falando de um acontecimento do trabalho que houve no dia anterior e quando se dá conta do assunto está falando do primeiro beijo ou do primeiro namorado que causou uma decepção e principalmente fatos ocorridos no passado como na infância.

Uma das explicações que mais me chamou atenção na teoria de Freud é quando ele defende a idéia de que os fatos ocorridos na infância têm uma intensa repercussão

na idade adulta do indivíduo e algumas dessas conclusões se deram a partir do tratamento com as pacientes histéricas.

Um dos exemplos significativos, onde Freud relaciona fatos ocorridos com sintomas aparecem na história de uma de suas pacientes que se chamava Ana O.

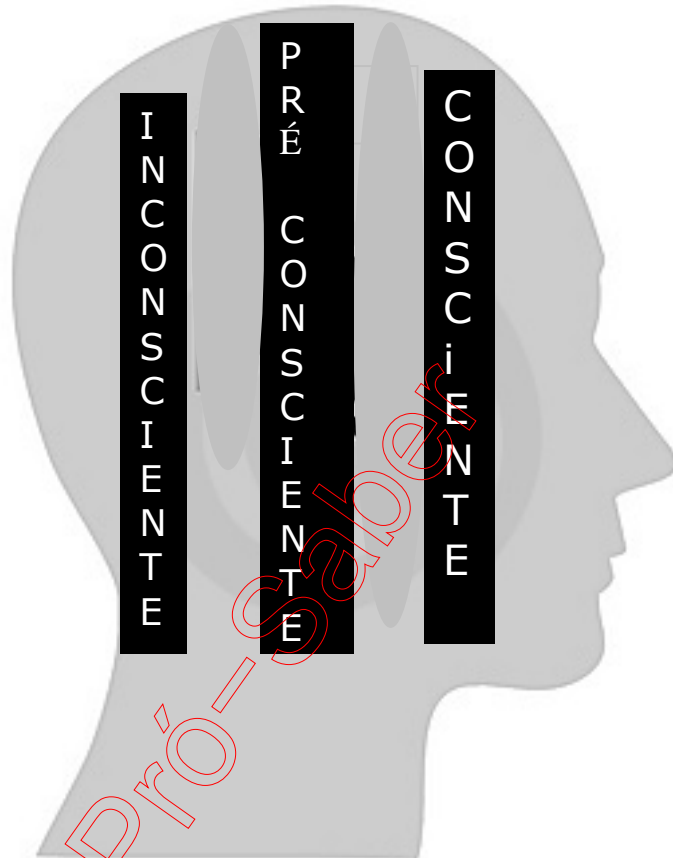
Com sintomas histéricos fortes, Ana O. foi encaminhada para Freud pelo médico e amigo Breuer, para os estudiosos da teoria freudiana, e foi a partir do tratamento dessa paciente, que Sigmund Freud se tornou o teórico mais importante da história da psicanálise.

Ana O apresentava sintomas como hidrofobia, não bebia água, só alimentava-se de frutas e em um dos tratamentos hipnóticos descobriu-se que esse sintoma era resultado do nojo que ela sentiu ao ver o cachorro da governanta beber água no copo. Ela também sofria com crises de alucinação, devido ao sentimento de revolta, por não poder estar ao lado do pai no momento em que ele faleceu no leito do hospital e sentiu-se culpada por que achava que estando presente teria conseguido impedir a morte dele. Assim que Ana O conseguiu relatar esses fatos curou-se da paralisia do seu braço e de sua rejeição pela água.

De acordo com os parâmetros apresentados no livro “A teoria do desenvolvimento” (1981) todo o contexto dos estudos de Freud se constituiu ao longo de décadas e, sendo assim, a tese baseada no estudo do modelo topológico, encontra-se em linhas iniciais de seu trabalho, ou seja, o estudo do inconsciente pode ter sido o ponto de partida das etapas de sua teoria.

É importante ressaltar que as organizações das instâncias que apresentarei no gráfico a seguir são defendidas por Freud na primeira fase dos seus estudos e conseqüentemente causou grande impacto social, pois para a humanidade provavelmente essa era uma idéia assustadora: o fato de que não temos o total domínio sobre nós mesmos e que também não temos todo o conhecimento sobre tudo o que ocorre em nosso meio interno.

### 3.2.1 Modelo topográfico do psiquismo



**No primeiro momento Freud acreditava nessa organização:**

**CONSCIENTE:** No consciente estão as ideias atuais, são os nossos pensamentos do agora que acontecem o tempo inteiro, no momento presente. Todos os acontecimentos perceptíveis do mundo, absorvidos pela consciência humana.

**PRÉ CONSCIENTE:** São as ideias que se encontram em estado de latência, como se estivessem em um estado de espera, têm ligação com a memória, ficam “guardadas” prontas para virem à tona quando evocadas. Mas não é possível lembrar tudo o que queremos devido à resistência que não permite que os materiais recalçados no inconsciente, passem para a consciência.

Exemplo: quando alguém nos pergunta, qual o nome do seu amigo da adolescência? Qual filme que você mais gostou, são lembranças que temos acesso quantas vezes nossa memória permitir.

**INCONSCIENTE:** São ideias que temos muito pouco acesso, estão lá atrás, a gente não lembra, foram recalçadas. O inconsciente está ligado aos nossos sentimentos principalmente as angústias. Essas ideias podem vir à tona através dos sonhos, atos falhos, chistes e sintomas. E é por isso que a resistência é considerada falha.

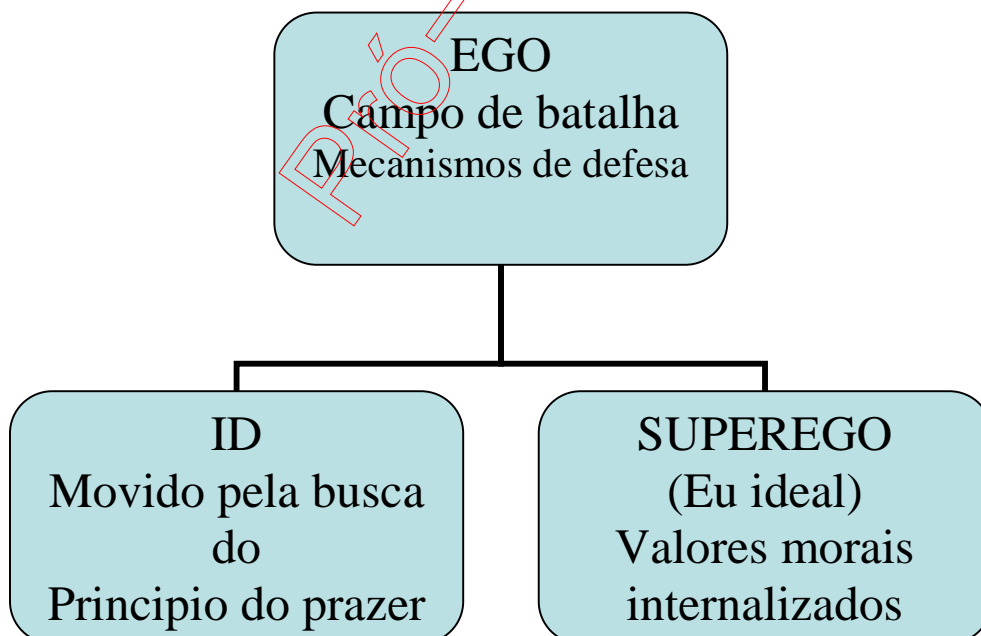
- O **recalque** é um mecanismo de defesa da psique, ele nos protege dos materiais do inconsciente, para que possamos conviver saudavelmente com a nossa mente.
- A **resistência** não é um mecanismo de defesa, ela é uma força que bloqueia as ideias recalçadas, age como um filtro da psique.
- **Chistes:** É um movimento leve feito pelo inconsciente, a nossa verdadeira idéia é lançada de dentro para fora e descrevemos a imagem feita em nossa mente na versão original, mas dependendo da situação isso pode causar desconfortos emocionais. É expor a verdade sem nenhuma censura. Um bom exemplo disso, são aquelas situações em que uma mulher está se arrumando para um passeio e está acima do peso e ao repará-la o marido diz: você esta parecendo um elefante de vestido e quando se dá conta de sua indelicadeza, sorri dizendo que é brincadeira.
- O **Ato falho:** É uma ação discreta que inconscientemente usamos para contrariar alguma situação. Exemplo quando uma criança se confunde e refere-se a sua mãe chamando-a sem querer de avó, é um ato falho, essa criança é tão apegada à avó, que provavelmente ela deve ser tão presente em seu dia- a- dia, que essa criança quis falar mãe, mas na hora saiu avó. Ou seja, é aquela famosa frase: “eu pensei uma coisa, mas falei outra”.

- **Sonhos:** Segundo Freud os sonhos são manifestações do inconsciente de desejos reprimidos, é uma das formas que a nossa consciência consegue ter acesso as ideias e vontades não realizadas de cada um, sendo assim, esses desejos estão relacionados aos sentimentos mais íntimos e pessoais

### 3.2.2 Organização estrutural do psiquismo

#### Em um segundo momento Freud sugere uma nova organização da psique

De acordo com os estudos psicanalíticos a estrutura do psiquismo é dividida em três instâncias o id, o ego e o superego, que se desenvolvem ao longo da constituição do sujeito. Há um campo de batalha entre essas instâncias, pois ao mesmo tempo em que se interligam num ponto estreito, são compostas de características e funções próprias.



**ID:** É composto pelos impulsos da nossa personalidade que está relacionado com as nossas energias internas e inatas. Seu movimento é uma busca constante pela

satisfação de suas necessidades, ou seja, uma busca constante pelo o objeto que lhe proporcione a realização de seus desejos (inconscientes).

Para o id o importante é saber se uma experiência vivida é agradável ou não, já que, seu maior objetivo é o principio do prazer.

**EGO:** Essa instância controla as direções das ações do individuo, o ego seleciona quais os instintos devem ser satisfeitos, ele age como um intermediário entre as exigências do meio em que vivemos (a realidade), com os desejos instintivos. É como se o Ego ficasse dividido entre os desejos sem limites do Id e a censura e proibições do Superego.

Como o Ego está ligado ao instinto de preservação (sobrevivência), ele é constituído pelos mecanismos de defesa que tem a função inconsciente de afastar os sentimentos de angústias de nós.

**Esses Mecanismos são:**

- **Repressão/Recalque:** É um mecanismo de defesa simples, onde as lembranças ou sentimentos “considerados” proibidos aproveitam as oportunidades nas situações para serem lançados pelo consciente.

EXEMPLO: Uma adolescente escreve em seu diário diversos contos pornográficos, mas diante da mãe e das amigas finge ingenuidade em relação ao assunto.

- **Negação:** Diante de um fato em que a pessoa sabe que é errado ela nega as evidências

EXEMPLO: Um hipertenso sabe que tem uma dieta a seguir e que o controle do sal é importante para não prejudicar sua saúde ao sair da sua dieta e abusar do sal, justifica ser exagero do médico e que não irá morrer só por causa disso, ou seja, acha que com ele não vai acontecer, mesmo sabendo do perigo.

- **Formação reativa:** Nesse mecanismo a pessoa age como uma forma de autopreservação, ela expressa o sentimento contrário ao que realmente sente.

EXEMPLO: Se um homem que não assume sua homossexualidade e, além disso, tem amor por uma pessoa do mesmo sexo, porém heterossexual, e sabe que nunca será correspondido, ele demonstra sentir ódio, ou seja, esse tal ódio que ele expressa é um disfarce do amor que sente.



- **Projeção:** É uma forma inconsciente de atribuímos ao outro a culpa por nossos conflitos internos. E esse é um mecanismo comum na infância.  
EXEMPLO: A mãe de uma criança que por não conseguir dar limites ao filho põe a culpa na escola ou nos colegas pelo mau comportamento do seu filho. Ou em outro caso a criança chega em casa e diz que apanhou quando na realidade foi ela quem bateu.
- **Racionalização:** É quando tentamos dar uma justificativa racional a nós mesmos para algum sentimento relacionado, por exemplo, à crueldade.  
EXEMPLO: O desejo pela pena de morte é uma justificativa de quem defende que aqui no Brasil tenha esse tipo de punição para os criminosos, para esconder sua vontade de vingança violenta contra o outro que julgam merecer isso.
- **Regressão:** Esse mecanismo está ligado à angústia diante de uma situação nova ou uma mudança significativa na vida desse indivíduo.  
EXEMPLO: Uma criança de seis anos quando tem um irmão e assim que sua mãe volta da maternidade com esse novo bebê, a criança se sente esquecida, já que, todas as atenções passam a não ser mais voltadas só para ela. Diante disso essa criança pode passar a não ter mais o controle dos esfíncteres, falar errado, ou seja, regredir a fases anteriores.
- **Deslocamento:** É quando descarregamos em geral a nossa raiva em outra coisa que sabemos que podemos direcionar.  
EXEMPLO: Quando a mãe de um aluno trata a professora com hostilidade e por não poder responder a essa mãe do mesmo modo, que isso pode lhe ocasionar em uma demissão, a professora desconta toda a sua irritação nesse aluno cuja mãe a tratou mal.
- **Sublimação:** Esse mecanismo tem características de pessoas consideradas psicologicamente saudáveis, pois ele direciona desejos “exacerbados” para atividades produtivas.  
EXEMPLO: O desejo de ter domínio sobre as pessoas pode ser sublimado e a pessoa se transformar em um líder político, ou até mesmo se tornar professor, pela sensação de autoridade em sala de aula.

**SUPEREGO:** É responsável pela estrutura da personalidade ligada aos valores morais, onde são internalizadas as regras sociais, impostas pelas leis que a família e o meio em que vivemos nos apresentam, tendo assim uma total ligação com o projeto parental, podemos chamá-lo de “juízo” do indivíduo, fazendo com que possamos diferenciar o certo do errado. Essas proibições são necessárias para vivermos em sociedade, mas se forem levadas ao extremo podem causar intensos conflitos emocionais ou angústias. Um exemplo disso são as doutrinas religiosas: uma menina que cresce em uma família que segue dedicadamente os conceitos de sua religião que diz que é proibido haver sexo antes do casamento e no momento em que está com seu namorado, ela fica dividida entre seu desejo corporal que é um movimento típico do Id e os valores morais que foram internalizados e que é regido pelo Superego.

Segundo Freud (1981) nós somos movidos pelos instintos que faz com possamos deslocar nossas energias para satisfazer nossos desejos e com decorrer da nossa vida vão ocorrendo várias mudanças de acordo com as nossas necessidades naturais, sendo assim mudam também os objetos que satisfazem esse desejo.

### 3.2.3 Justificativa

Fiz questão de apresentar os conteúdos do capítulo 2 (anterior), pois foi com essas informações que eu pude me ver e entender como funciona a minha psique, pude ter uma concepção mais humanizada e passei a ter um olhar enriquecido que me permitiu entender a importância das fases relacionadas ao desenvolvimento infantil que descreverei no próximo capítulo.

“..., portanto, que a função da Psicologia do Desenvolvimento, consista não apenas em fornecer subsídios para o atendimento clínico da criança com distúrbios mais ou menos graves, mas que ofereça um conjunto de conhecimentos teóricos, de pesquisas científicas que realmente capacitem o profissional a atuar nas famílias, nas escolas, nas instituições da comunidade, informando, educando, mostrando quais as condições necessárias para um desenvolvimento saudável.”(RAPPAPORT, 2007. p.8)

#### 4 FASES DO DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL

Segundo Freud (1981) a infância passa por fases em que é a organização da libido se dá entorno de uma zona erógena. A libido é a energia que mobiliza o organismo do indivíduo em prol dos seus objetivos, ou melhor, são os impulsos sexuais que passam por mudanças conforme a evolução do desenvolvimento infantil. Para Freud o termo sexualidade não está ligado ao ato sexual e sim aos desejos e impulsos inconscientes do nosso psiquismo.

A primeira fase dentro das organizações do estudo de Freud é a **oral** e a principal característica está no movimento em que a criança põe tudo o que está a sua volta na boca como se estivesse experimentando o mundo, que de certa forma está sim, pois há um prazer nisso, já que, a libido está voltada para a boca. Nessa fase a criança está na faixa etária entre um ano e um ano e meio, mas na realidade essa fase começa desde a amamentação, já que, seu objeto de desejo é a mãe e é como se através do seio esse bebê incorporasse essa mãe para si. E se observarmos nossas atitudes na fase adulta, perceberemos que temos certos aspectos que vêm de herança dessa fase, como por exemplo, as nossas vontades de comer quando estamos ansiosos, alegres ou tristes, quando estamos estudando e ao nos distrairmos colocamos a caneta na boca, entre outros.

Se os adultos que fazem parte da vida da criança que está passando pela fase oral, entenderem que o conjunto de ações que caracterizam essa fase, como as mordidas, a sucção e como a experimentação de objetos é importante para que ela se desenvolva de maneira saudável, isso refletirá de forma positiva nas relações amorosas futuras.

Ao completar dois anos normalmente a criança estará no processo de transição da fase oral para a anal. Na fase **anal** a zona erógena é o ânus, já que, é para essa região do corpo que a libido está voltada, devido ao controle dos esfínteres. Para a criança a sensação de prazer está associada ao fato simbólico de produzir seu primeiro produto, que são as fezes. O prazer também se dá pelo fato dela conseguir controlar suas necessidades, ou melhor, é quando ela passa a prender e não fazer nas fraldas e

soltar no vaso. Diante dessas circunstâncias a criança se sente poderosa, entende que já pode controlar-se e também tudo o que há no meio em que ela vive e, conseqüentemente, nesse momento surgem as birras e pirraças infantis, pois ela cria a sensação de que é independente e deseja realizar algumas tarefas sozinhas, como por exemplo, subir ou descer escadas, ligar e desligar aparelhos eletrônicos, abrir e fechar portas e torneiras. Essas ações correspondem a sua idéia de poder e ao mesmo tempo lhe trazem prazer, mas por outro lado quando o adulto intervém, para evitar que ela se machuque, ou por algum outro motivo, acontecem os conflitos e, por isso, as pirraças são constantes. E esse é um dos motivos pelo qual o adulto deve ter a sensibilidade e o entendimento para lidar com essa fase, principalmente o professor que atende alunos nessa faixa etária de dois a três anos. Ele deve identificar que é preciso criar atividades que possibilitem a criança direcionar suas ideias simbólicas que caracterizam essa fase para trabalhos produtivos, como a massinha pode ser para a criança uma representação do seu produto (fezes), jogos que abrem e fechem ou aqueles em que, a criança pode montar e desmontar, ou seja, fazendo com que essa criança vivencie essa fase de maneira saudável.

É muito importante que o professor esteja atento e ajude aos pais informando-os, pois somos responsáveis sim pelo futuro das crianças que atendemos. Uma criança que no decorrer de sua fase anal foi assistida por adultos que rejeitaram suas fezes que para ela tem um valor simbólico, se ela foi agredida e humilhada em seus ensaios de controle dos esfínteres (evacuou na roupa), ela vai internalizar que seu produto é ruim e isso poderá trazer conseqüências para a sua vida adulta, ou seja, pode se tornar um adulto que tenha fixação por limpeza ou extremamente consumista e também com dificuldades em administrar sua vida financeira como os famosos avarentos, pois esses são “resíduos” de uma fase anal mal resolvida e cheia de conflitos. Mas se acontecer o contrário e os adultos que lidam com essa criança (pais, professores etc.) reconhecerem e se preocuparem com um bom desenvolvimento, provavelmente essa criança pode sublimar esse prazer e na vida adulta torna-se, pintor, desenhista, um excelente profissional especializado em massas na área da culinária, entre outros, mas de certa forma o importante é que, quanto menos resquícios ficarem no indivíduo das fases em que ele viveu na infância melhor será sua conduta psicológica e afetiva.

A fase **fálica**, talvez seja a mais intrigante em relação às outras fases devido ao seu contexto. Como nessa fase a libido está voltada para os órgãos genitais, a atenção da criança também se volta para essa parte do seu corpo, pois ela começa a reparar e a perceber que há uma diferença dos meninos para as meninas, tornando-se curiosas diante de situações: como as meninas usam o vaso sanitário sentadas e os meninos em pé e também a fazer classificações naturais ao separar que determinados brinquedos, brincadeiras e até cores são “feitos” para as meninas e outros são dos meninos. Nessa fase acontecem as masturbações que é o motivo de espanto para os adultos que não foram informados que isso é extremamente normal, pois a criança está se conhecendo ou se explorando.

Essa fase inicia-se aos três anos seguindo até aos sete aproximadamente e uma das suas principais características é o do mundo da fantasia que terá uma forte presença na criança que está vivenciando esse processo fálico.

As meninas se identificam com as fantasias das princesas dos contos de fadas e os meninos com os super heróis e seus poderes imbatíveis. Mas essas fantasias são de certa forma necessárias para que a criança possa lidar com um sentimento inconsciente típico dessa fase, que Freud denominou de Complexo de Édipo, seguindo a vertente, ou uma versão representativa do mito de Édipo Rei.

No Complexo de Édipo ou Complexo de castração o menino tem um desejo inconsciente pela mãe que parte de um sentimento de posse e o pai faz o papel de castrador quando delimita regras, ou seja, no momento que o pai decide que o filho não deve dormir na mesma cama e sim separado do casal, ele está castrando. Quando não permite que essa mãe se deixe levar por uma crise de birra onde o filho chora por querer acompanhá-los em uma saída a noite, ele também está desempenhando esse papel de castrador e, principalmente, faz com que essa criança internalize a lei de proibição do incesto, mas isso causa uma angústia no menino que cria sua fantasia de super herói, devido ao seu sentimento de amor e ódio por esse pai, pois em sua fantasia só tendo super poderes para vencer a batalha contra esse pai que, a seu ver, é grande e forte em relação a ele e consegue assim possuir seu objeto de desejo que é a mãe (inconscientemente). Mas para a criança, ou melhor, em sua fantasia ele vive a ameaça de castração, ou seja, a ameaça de perder o seu pênis. E depois de passar por

essa fase a criança irá sublimar esse desejo e o direcionará para outras relações na vida adulta.

Ao vetar os desejos da criança esse pai também está fazendo um movimento ligado ao narcisismo, que é onde a criança percebe que não é só o desejo dela que prevalece no mundo, no momento em que é dito “não pode” esse pai está mostrando para essa criança que existem outros desejos além do dela e é a partir disso que a criança começa a reconhecer que existe o outro, que tem desejos e impõe limites.

Durante toda a vida iremos estabelecer relações narcísicas, mas a relação que irá predominar será a objetal.

Quando a fase **fálica** termina, em seguida vem o período de **latência**, é o momento onde as leis e valores que foram apresentados no decorrer do desenvolvimento vão sendo organizados e internalizados para serem atualizados na fase genital.

#### **4.1 A psicanálise em parceria com a educação**

Como a psicanálise pode contribuir para a educação?

A contribuição vem com seus estudos que fundamentam as transformações sofridas pela criança gradativamente no decorrer de seu desenvolvimento, nos permitindo uma melhor compreensão sobre as manifestações que ocorrem em seu comportamento e que podem ser resultado dos conflitos internos gerado pelas relações que essa criança estabelece com o mundo e com as pessoas do seu meio.

Sendo assim torna-se necessário que diante das circunstancia o professor aja como mediador, para que a criança que atende possa ter de alguma forma a chance de chegar à fase adulta com sua personalidade estruturada, não que isso seja responsabilidade apenas do professor, mas que ela tenha coerência ao identificar o que faz parte de uma fase e o que deve ser tratado por profissionais especializados.

## **4.2 Experiências da prática**

Cada um desses casos descritos, eu vivenciei e observei ao longo do tempo em que trabalhei em uma creche filantrópica, localizada no centro do Rio de Janeiro, onde eram atendidas cerca de 80 crianças vindas das comunidades próximas.

### **4.2.1 Primeiro caso**

Yago Cleber (nome fictício) tinha quatro anos e morava em uma instituição para crianças abandonadas. No ano de 2005, eu trabalhava em uma turma com crianças na faixa etária entre três e quatro anos. Uma das crianças dessa turma chamava muita atenção devido ao seu comportamento agressivo, tanto com os próprios colegas da sala quanto com as professoras e com todos os outros funcionários da creche que estivessem presentes no momento em que ele estava demonstrando estar com raiva.

Ele chegava pela manhã calmo, sentava-se na rodinha, mas, de repente, ele levantava em um impulso e pisava com muita força na mão ou na perna da criança que estava sentada mais próxima dele e a partir desse momento começava o nosso dilema com ele, pois assim que falávamos para ele que aquilo não podia ser feito com o amigo porque machucava, Enfim tentávamos conversar e corrigí-lo para prosseguirmos com a nossa rotina do dia, mas não era tão simples assim, porque Yago Cleber ficava com uma expressão furiosa e partia para cima de todos que tentavam contê-lo, com chutes, socos e palavrões e acabava totalmente com toda a estrutura da rodinha das atividades ou com qualquer atividade em que ocorria esse tipo situação. Nenhum trabalho do dia era concluído normalmente porque as crianças ficavam agitadas e nós que tínhamos que lidar com isso diretamente sentíamos uma intensa irritação, nervosismo e até um enorme cansaço físico devido ao esforço que fazíamos ao tentar acalmá-lo, pois não era tarefa muito fácil, já que suas “crises” demoravam horas para terminar. Era uma situação difícil na qual eu me desgastava emocionalmente e foi assim durante um ano inteiro até ele mudar de turma e eu assistir a tudo acontecer novamente com as colegas de trabalho de outra sala.

Nesse ano eu ainda não tinha tido contato com estudos que me oferecessem outra visão dessa situação, então o meu movimento era de ação e reação, ou seja, quando Yago Cleber me ofendia, a minha reação era de tentar corrigi-lo, falando para ele que o que estava fazendo era errado, retirando ele das atividades e avisando-o que perderia o direito de brincar devido ao que fez, mas isso não funcionava, porque eu me dirigia a ele irritada e sem paciência com os seus atos. Quando estamos envolvidas com a situação e sem a ajuda da instituição que ficava de braços cruzados esperando a solução vir de nós, professoras, acabamos nos sentindo impotentes e, mesmo sem querer, colocamos a culpa daquele problema todo na criança, que não tinha e não tem culpa dessas situações, mas infelizmente quando não temos orientação e acabamos culpabilizando quem está trazendo o problema que no caso era essa criança.

Se este caso estivesse acontecendo comigo atualmente, eu teria outra postura totalmente diferente devido às informações que obtive no decorrer do curso. Primeiramente eu não me envolveria emocionalmente tentando perceber que o comportamento daquela criança não era algo dirigido pra mim, mas que aquilo era um reflexo da sua história, não deixaria o nervosismo da situação superar o meu lado profissional, pois tentaria ver maneiras adequadas de lidar com ele, adaptando essa situação conturbada a uma relação, onde eu estabeleço determinadas regras de convivência, partindo dessa dificuldade dele de socializar-se e respeitando, ou melhor, levando em conta, sua individualidade e as questões que ele carrega na sua bagagem de vida.

Olhar além do que essa criança apresenta e buscar o seu positivo é um ótimo ponto de partida e foi essa uma das mensagens que ficou marcada para mim e que modificou a visão que tenho hoje.

A instituição em que Yago Cleber vivia era próxima da creche em que eu trabalhava e, por isso, um dia eu fui lá com a turma com o intuito de visitar e conhecer a casa do nosso amigo Yago. A aparência da instituição era a de uma casa bem grande com quartos bem arrumados e separando os meninos das meninas, apenas os quartos tinham essa separação, pois todas as outras coisas eram coletivas, inclusive as roupas. Não eram pertences individuais, todos usavam uns dos outros, eu sei disso porque além do Yago Cleber havia mais três crianças dessa mesma instituição na minha turma,



um menino e uma menina e certas roupas que eu via vestido em Yago em um dia, no outro estavam com o outro menino que morava junto com Yago e quando fui visitar “a casa” dele uma das primeiras coisas que reparei foi que os sapatos que Yago ia para a creche estavam nos pés de outras crianças de lá. E em relação aos educadores havia um rodízio muito grande deles porque, trabalhavam por plantão e era um grupo no período da manhã, outro a tarde e o grupo de “educadores” no plantão da noite, mas as crianças tinham um enorme afeto pelo motorista que era quem os levavam todos os dias para a creche e quando estavam chateados e choravam por algum desentendimento por brinquedos, por exemplo, enquanto as outras crianças falavam: - Eu quero a minha mãe, Yago e os outros dois que viviam com ele dizia: Oh tio Rodrigo!

Eu conhecia a história do Yago Cleber, porque era feita uma anamnese com cada criança no momento da matrícula e nessa entrevista eu li que sua mãe era presidiária e que assim que ele completou quatro meses foi retirado dela e do presídio em que ela estava e foi levado para essa instituição. Quando saiu da prisão sua mãe foi visitá-lo e ele já estava com um ano, mas ela tentou esfaquear um dos educadores e foi proibida de entrar na instituição. Depois de um tempo ela teve outro filho, que passou também a viver com seu irmão Yago nessa instituição. O irmão de Yago que vou chamá-lo de Ruan Caio, quando completou dois anos e meio também foi ser meu aluno, mas Yago já estava no jardim e não era mais da minha turma e Ruan Caio apresentava características em seu comportamento semelhantes a do seu irmão e ao contrário do Yago seu irmão não aceitava nossos carinhos.

Relacionando com a teoria de Freud, essas ações do Yago e do seu irmão estão ligadas ao movimento estabelecido pela relação de transferência negativa, mas Winnicott (1982) defende ideias sobre a agressividade infantil que me fez refletir a respeito. Segundo ele, fazem parte do desenvolvimento da criança essas expressões agressivas, pois são manifestações de seus conflitos interiores, quando a criança se fecha e guarda os sentimentos que lhe causaram angústia, isso não se torna sadio para o seu psicológico, ou seja, é preciso que a criança se liberte desses conflitos internos, mesmo que seja dessa forma tão hostil. É importante que o adulto tenha a sensibilidade de reconhecer esse processo e lidar com essas reações infantis da maneira mais adequada possível, compreendendo ser uma fase.

#### 4.2.2 Segundo caso

Eu ainda continuava trabalhando com a turma que estava na faixa etária de três a quatro anos, ou seja, durante o período de três anos passaram inúmeras crianças pela minha sala, mas no ano de 2008, entre todas uma se diferenciou das demais devido ao seu comportamento agressivo. Mas ao contrário do menino que relatei no primeiro caso, esse não era hostil com os educadores ou demais adultos da creche, suas agressões eram sempre direcionadas para os colegas.

Samuel como irei chamá-lo tinha quatro anos e meio, tinha uma estatura física alta em relação ao de seus colegas, passou a fazer parte da turma quase dois meses após o início das aulas, mas assim que entrou na sala logo no primeiro dia, deu um soco na barriga de uma das crianças que chorou durante alguns minutos demonstrando estar com dor. E assim ele prosseguiu o restante do dia inteiro empurrando um aqui, chutando o outro ali. E essas ações de Samuel causaram certo pânico em seus colegas de turma, pois eles ficaram assustados com esse novo amigo que, ao invés de estar brincando junto e conhecendo quem fazia parte desse lugar novo que ele estava entrando, estava batendo. As atitudes de Samuel ficaram tão intensas para as crianças que os pais na hora da entrada, pediam para os filhos mostrarem quem era o Samuel e uma das mães falou para mim que a sua filha chegou em casa falando que tinha entrado um menino novo na sala e que era muito forte e muito grande.

Os pais de Samuel eram muito permissivos, concordavam com tudo o que ele fazia e quando ele batia na hora da entrada em um colega na frente dos pais, não era chamada a sua atenção, sua mãe falava com uma voz bem calma: Poxa Samuel eu vou ficar triste com você. Seu pai quando o trazia para a creche, permitia sempre que Samuel viesse com um brinquedo na mão, nós explicávamos que havia um dia em que podia trazer o brinquedo como novidade e quando nós professoras lembrávamos para esse pai que ele estava quebrando as regras do combinado para o dia do brinquedo, ele respondia que não acreditava ser só o filho dele que estaria com brinquedo fora do dia e nos dava as costas, indo embora grosseiramente e sem levar o brinquedo de volta.

Três semanas se passaram desde a entrada de Samuel em nossa turma e a situação estava cada vez mais complicada, pois ele já estava rotulado pelos pais dos alunos e então a direção decidiu chamar a mãe e o pai do Samuel para conversar. Essa conversa foi rápida porque a mãe afirmou que era da igreja, que Samuel não assistia a nenhuma cena de violência doméstica e que não sabia o porquê do filho se comportar assim e devido a esse comportamento ela tinha matriculado ele nessa creche porque ele foi expulso da anterior, pois a professora de lá havia dito que não agüentava mais o Samuel e devido a esse relato da mãe a diretora se comoveu e passou a tratar os pais do menino como vítimas e nunca mais os chamou para conversar.

Eu nesse ano já havia sido contemplada com as aulas dos conceitos básicos da psicanálise e conseguia lidar melhor com essa situação, já que, um dos pontos fortes dos conteúdos dessa aula foi a questão de eu aprender a lidar com a minha contra transferência, ou melhor, controlar o sentimento que aquela criança acabava despertando em mim com seu comportamento hostil. No momento em que estou diante dessa situação e tenho a consciência de que o que ele faz **não é contra mim** e nem para me perturbar eu consigo não me envolver emocionalmente e agir profissionalmente, viabilizando formas de resolver essa questão, problematizando com Samuel e com a turma. E de que forma isso foi feito? Com Samuel foi através de combinados, negociações e observando o que ele fazia bem para que eu valorizasse e pude colocá-lo em situações onde ele socializasse e ajudasse a turma, distribuindo o lanche ou os materiais da sala, entre outras. Com a turma, nós combinamos que quando o Samuel fizesse algo que algum deles não gostasse que eles diriam isso para ele e chamariam um adulto para que não entrassem em um conflito e acabassem trocando tapas, pois a maioria das crianças depois de um tempo passou a revidar às ações dele.

Samuel não mudou, continuou com suas atitudes ora mais intensas ora havia certa calma em suas ações, mas o que mudou radicalmente foi a relação que passei a estabelecer com ele e com todas as outras crianças que apresentaram comportamentos como o dele, sendo assim, cresci profissionalmente levando a teoria para a prática.

Eu vi essa atitude da creche que expulsou Samuel como uma barbaridade, pois afinal ele era apenas uma criança que precisava de uma atenção maior e que apresentava um comportamento que merecia uma investigação profissional. A atitude dessa diretora da creche em que eu trabalhava também não estava muito longe da outra em que expulsou a criança, pois ao deixar de chamar os pais dele para tentarem juntos resolver essa situação, ela também estava de certa forma excluindo essa família e fazendo com que eles ficassem de lado e discretamente isolados, esperando o tempo passar para que esse “problema” fosse passado adiante, ou seja, quando ele completasse a idade para sair da creche, isso fosse levado para sua próxima escola.

“Visto as crianças em idade Pré-escolar tenderem a ser vítimas de suas próprias emoções fortes e agressivas, a professora deve, por vezes, proteger as crianças delas próprias e exercer o controle e orientação imediata; e, além disso assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para ajudar a criança a guiar sua própria agressividade para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes.” (WINNICOTT, 1982, p. 223)

#### 4.2.3 Terceiro caso

Quando trabalhei com a turma de dois anos, observei as repetidas mordidas, mas não foram só essas constantes mordidas que chamaram a minha atenção, como também a imensa necessidade de colocar todo ou qualquer tipo de objeto na boca.

Observei duas crianças Caio e Julia, o menino de dois anos e a menina de um ano e nove meses. Os dois estavam mordendo os colegas ou por disputa por brinquedos ou mesmo sem motivos aparentes.

Quando estavam participando de alguma atividade, como massinha, por exemplo, Julia conseguia acatar a ordem de não por a massinha na boca, mas para Caio essa era uma tarefa irresistível e parecia que era uma ordem impossível de cumprir.

Julia não chupava chupeta, mas Caio sim e quando ele sentava na rodinha para ouvir uma historinha e não levava sua chupeta, ficava inquieto e colocava o próprio pé na boca.

Eu ainda não tinha estudado sobre a teoria das fases de desenvolvimento da criança e, por isso, não entendia o porquê dessa tamanha vontade de pôr todas as coisas na boca e, por isso, achava que não era nada mais do que uma vontade de coçar a gengiva, por causa dos dentes que estavam nascendo, sendo, que essa explicação de que a gengiva que coça e, por isso, a criança põe o que vê pela frente na boca é uma historia que ouvi da minha avó e outras mulheres que me disseram isso quando meu filho começou a fazer quando estava por volta de um ano e meio, ou seja, as famosas explicações populares.

São essas suposições que ouvimos no decorrer da nossa vivência e acabamos por levá-las para o nosso meio profissional e, quando não se tem uma formação tomamos determinadas atitudes baseadas nelas e também nos nossos instintos. Winnicot (1982) fala dessa questão no livro “A criança e seu mundo”, onde ele ressalta a importância do professor estar consciente do seu trabalho com os alunos e não agir baseado em “achismos”. E sim baseado em estudos que explicam determinadas ações da criança. E nesse caso o conteúdo que fundamenta essas atitudes da criança de um à dois anos, que reage as situações a sua volta usando expressivamente a boca, são os estudos de Freud sobre as fases de desenvolvimento pela qual a criança passa. E que nesse caso está relacionada com a fase oral, pois nessa fase a criança precisa usar a boca para experimentar e expressar as sensações do corpo.

#### **4.2.4 Quarto caso**

Na sala ao lado da qual eu trabalhava, havia um aluno chamado Flavio (nome fictício). Eu criei uma paixão ou um carinho maior por aquele menino, ele era uma criança linda, tinha uns olhos amendoados bem pretos com cílios grandes e entre todas as outras crianças da turma era notável a minha preferência por ele.

Todos os dias quando eu chegava à creche para trabalhar eu passava antes na sala dele e dava um grito: - “Flavio meu filho!” Em seguida, abraçava-o, beijando-o bastante, inclusive lhe dava uns presentes de vez em quando. As outras crianças da turma de Flavio ficavam me observando, vinham até mim para me abraçar também, eu nunca deixava de cumprimentá-los, mas não era com toda aquela afetividade com a qual eu fazia quando era o Flavio e era tão exagerado que a professora dele me expulsava da sala. Talvez se ele fosse meu aluno e estivesse comigo na sala eu não resistiria em deixá-lo ser o primeiro em todos os momentos ou até permitir que ele fizesse tudo o que quisesse.

Com o passar do tempo, as crianças da turma de Flavio passaram a não vir mais falar comigo e tinham dias em que Flavio faltava e, assim que eu entrava na sala, seus colegas me falavam antes mesmo de eu perguntar: - “Seu filho Flavio não veio hoje.”

Eu não conseguia separar o meu sentimento de preferência por essa criança da minha vida profissional, principalmente quando estava diante das outras crianças que percebiam claramente todo aquele meu afeto.

Essa transferência positiva que vinha por parte do Flavio por ele ser uma criança amável e encantadora, não me deixava lidar com a minha contra transferência. Em um dos pontos da aula de Conceitos Básicos da Psicanálise, me chamou a atenção a explicação onde a professora Elaine Caetano, afirmou que **a contratransferência, segundo Freud, é sempre uma resposta inconsciente que damos à transferência estabelecida pelo aluno conosco**, ou seja, nas relações que estabelecemos no caso com os alunos, pode haver uma transferência negativa, que são os tratamentos hostis ou transferência positiva que são aquelas crianças que transferem seus tratamentos de carinho e amor vindos de suas vivências.

E sendo, assim, percebi que deveria ficar atenta, com aquela forma com que eu tratava o Flavio, pois gostar das crianças é normal e claro é até ótimo para a relação em sala de aula, o que não é adequado, nesse caso é deixar esse sentimento interferir, nas nossas atitudes e prejudicar os laços na relação com os demais presentes nesse ambiente, seja criança ou adulto.

Eu passei a notar o Flavio porque ele tinha um olhar parecido com o do meu irmão mais novo e meus colegas de trabalho diziam que ele era parecido comigo e sendo assim, meu carinho por ele foi aumentando.

Mas um ano depois eu tive uma aluna Manuela (nome fictício), por ela também tive um amor enorme, mas ao contrário de Flavio ela era minha aluna.

Minha Manu como eu a chamava carinhosamente tinha todos os privilégios, que nenhum outro aluno tinha, ela podia comer seu biscoitos que trazia escondido na mochila, podia sair da sala quantas vezes quisesse e até rabiscar meu caderno de planejamento, porque tudo o que ela fazia eu achava lindo.

Quando era preciso Manuela ficar em outra sala com outras professoras, devido eu estar em reunião ou por qualquer outra razão, as professoras reclamavam comigo que eu estava mimando demais ela e, por causa disso, ela não estava obedecendo ninguém. Na frente dessas professoras eu até reclamava com Manu, mas ao chegar na sala, ela voltava ser a rainha da turma.

Talvez essa minha atitude era explicada por eu projetar o carinho que eu gostaria de estar dando a meu filho. Ela também lembrava uma sobrinha minha. Na época em que eu trabalhava nessa creche, era em horário integral, quando eu saía de casa às seis horas meu filho estava dormindo e então o expediente da creche terminava às cinco da tarde e de lá eu ia direto para o curso e só chegava em casa as onze horas da noite e muitas vezes meu filho também já estava dormindo. Ou seja, essa situação que me deixava muitas horas fora de casa poderia ser um motivo para eu projetar o carinho e a saudade que eu sentia do meu filho nessa criança e provavelmente ela também matava a saudade que sentia de sua mãe comigo e eu a de “mimar” meu filho com ela.

Também já aconteceu o contrário eu passei a rejeitar uma criança, por causa das inúmeras reclamações feitas por sua mãe todos os dias na hora da entrada e a mãe dessa criança que irei chamá-la de Maíra (quatro anos), não se contentava só em gritar e falar mal na porta da creche pelos mais diferentes e insignificantes motivos, ela fazia questão de ir até a diretora e convencê-la de ir até a minha e chamar a minha atenção pelos seus absurdos motivos como, o prendedor de cabelo que sumiu a mochila que arreventou o feixe. Se esses pequenos acontecidos eram motivos para tanta chateação imagine, quando Maíra era mordida ou devido a uma queda se machucava, eu e a

minha colega, que trabalhava em sala junto comigo, éramos chamadas de incompetentes, entre muitos outros adjetivos e, para piorar a situação, Maíra buscava de todas as formas ser mordida, provocando as crianças que se defendiam mordendo e quando a criança não a mordia porque nós as professoras já havíamos conversado com a turma e combinado para não morderem seus amigos, Maíra na hora das brincadeiras do pátio puxava o brinquedo das mãos de um dos colegas e dizia: - Me morde, vai morde! E quando eu flagrava esse seu ato, perguntava para ela o porquê que ela estava fazendo aquilo, mas ela não me respondia. E diante dessa provocação de Maíra com os demais da turma, eu tinha a suposição que ela fazia isso, talvez, por que quando aconteciam essas situações, esses fossem os únicos momentos em que ela era o centro das atenções em sua casa e percebendo isso, quando precisava chamar a atenção tentava criar esses problemas para ser olhada.

“Se um professor tem um conhecimento da relação transferencial, ele pode perceber aquele aluno a partir de um outro lugar que não o cristalice, ajudando-o a deslizar; manejando a transferência estabelecida.”  
 “O professor, devido à relação transferencial, acaba ocupando um lugar privilegiado na constituição da subjetividade de um sujeito.” (CAETANO, 2008. nota de aula)

#### **4.3 Análise do questionário**

O questionário foi respondido por dois psicólogos um da rede privada e outra da pública e também por professoras e auxiliares, três que tinham a formação do Pró Saber e três que tinham outra formação não sendo a do Pró saber.

O objetivo do questionário foi o de ter uma idéia da visão que os profissionais, como o psicólogo, têm das relações que os professores estabelecem com os seus alunos principalmente aquele aluno que apresenta algum tipo de comportamento que foge da normalidade e como ele orienta esses educadores. E para os professores, foi para saber como eles avaliam o papel do psicólogo na instituição que trabalha.



A resposta da psicóloga que atende alunos de uma escola particular na zona sul, traz a idéia de que só a professora por ser regente e que esta recebe as orientações sobre as questões que eu levantei que foram: agressividade, adaptação e masturbação.

L. S. (psicóloga) afirmou que orienta a professora em relação à agressividade a não frisar o tempo todo o negativo do aluno, no momento do acontecimento chamar a atenção desse aluno, mas depois não tocar mais no assunto, ou seja, não ficar lembrando o acontecido, se mesmo com todo o trabalho em sala não houver resultados, ela chama a família e juntos tentam chegar a uma solução. Isso é feito nos casos de alunos agressivos ou daqueles que estejam apresentando problemas na adaptação.

Já no caso da masturbação ela respondeu que prefere não focar no problema, porque isso para a maioria das famílias é um assunto tabu e orienta a professora a evitar que essa criança fique sozinha ou pelos cantos da sala.

Quanto às perguntas direcionadas as professoras e auxiliares fiz um estudo comparativo, onde eu percebi que as educadoras sem a formação do Pró-Saber, agem de acordo com a situação, como na resposta da auxiliar R. L. que trabalha em uma escola da zona sul, com crianças de dois anos, respondeu a pergunta (2- Quando você tem um aluno que apresenta um comportamento agressivo, você recebe que tipo de orientação?) R. L. disse que é orientada a dobrar a atenção para essa criança, separá-la do grupo para que não ofereça riscos para os demais da turma, mas essa orientação é feita pela professora, pois ela afirmou não ter nenhum contato com a psicóloga da instituição que trabalha.

Já C. L., auxiliar de uma creche filantrópica e aluna do Pró Saber, mesmo tendo de certa forma também o problema da distância entre ela e a psicóloga, ela entende a importância das orientações desse profissional e vai em busca dessas orientações, quando se depara com situações em sala que precisem do auxílio de um especialista.

Através das respostas desse questionário, eu tive também uma leve idéia que existe ainda uma barreira entre o trabalho do psicólogo com o trabalho que é feito em sala de aula. Aparecem nas respostas inúmeros impedimentos que prejudicam a relação entre esses dois profissionais. Existem instituições que não possuem atendimentos com psicólogos como é o caso da onde B. B. professora de uma creche

filantrópica e aluna do Pró Saber e em outros casos como o da C. F. professora de uma escola particular na zona sul, ela reclama que a psicóloga da instituição onde trabalha não consegue dar conta da demanda de atendimentos, pois a escola é grande e essa psicóloga fica responsável em atender os alunos do fundamental e também os da Educação Infantil.

O professor que tem acesso à teoria é consciente de qual é a melhor maneira de lidar com as adversidades com as quais se depara no dia-a-dia e também sabe da importância do trabalho do psicólogo. É preciso haver uma parceria com o psicólogo e suas orientações devem ser feitas a todos que tenham contato com a criança e não devem ficar restritas apenas aos atendimentos isolados, feito aos pais e professores.

Pró-Saber

## 5 CONCLUSÃO

Finalizo esse trabalho com uma imensa satisfação. Nele abordei o assunto que me trouxe uma nova visão sobre os aspectos considerados rotineiros no trabalho do educador, vindos do comportamento da criança.

Tenho um desejo muito forte dentro de mim que é o de que todo o adulto que lida com as crianças, mas, principalmente, o professor tenha a possibilidade de cuidar devidamente de nossas crianças para que elas não sofram tanto como nós sofremos na nossa infância com aqueles terríveis castigos e humilhações que, infelizmente, existem até hoje. E, talvez, movida por esse desejo que decidi ser professora, mas fazendo parte de um grupo de educadores que se preocupa com a infância e acredita que esse trabalho servirá de base a essa criança para sempre.

Sei que não posso mudar o mundo ou toda a sociedade em que vivemos, mas poderei mudar o meu mundo dentro da sala de aula, pois tenho uma filosofia de vida e uso uma metáfora para explicá-la: eu acredito que se plantarmos mal uma semente o que nascerá será muitos problemas e insucessos, mas se a nossa verdadeira vontade for a de plantar as sementes bem plantadas os frutos serão a felicidade e o orgulho.

A profissão do professor não é fácil, mas é bela e emocionante. E a psicanálise e todos os estudos sobre o desenvolvimento da criança vieram para somar e enriquecer a minha vida profissional e o meu aprendizado, fazendo com que eu entendesse a importância que a teoria psicanalítica tem para a prática do educador, pois nos conduz a uma mudança no nosso olhar e na nossa postura diante dos alunos.

Quando eu reflito e comparo as minhas ações antes de estudar a teoria e depois de ter tido todas essas informações, vejo quantas crianças passaram pela a minha sala de aula que eu não entendia determinados comportamentos, mas atualmente me sinto realizada, pois sei fundamentar e identificar as características que fazem parte do desenvolvimento sócio cognitivo e afetivo da criança e, assim, posso estabelecer relações que contribuam para a vida das crianças que eu atendo e atenderei no decorrer da minha carreira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAETANO, Elaine dos Santos. **Nota de aula, 24 de março de 2008**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2010.

LACOMBE, Ana Maria. **Conceitos básicos da teoria Piagetiana** (apostila). S.n: S.I, [199 -?].

PEREIRA, Shirleine dos Santos. **Registro das aulas de Maria Cecília Almeida e Silva, de 12 a 26 de março de 2007 e registro das aulas de Elaine dos Santos Caetano, de 10 de agosto 2007 a 12 de dezembro de 2008**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2010.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Claudia. **Teorias do desenvolvimento**. São Paulo: E.P. U, 1981, v. 1.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. **Nota de aula, 26 de março de 2007**. Rio de Janeiro: ISEPS, 2010.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC- livros técnicos e científicos editora S.A, 1982.